https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-8

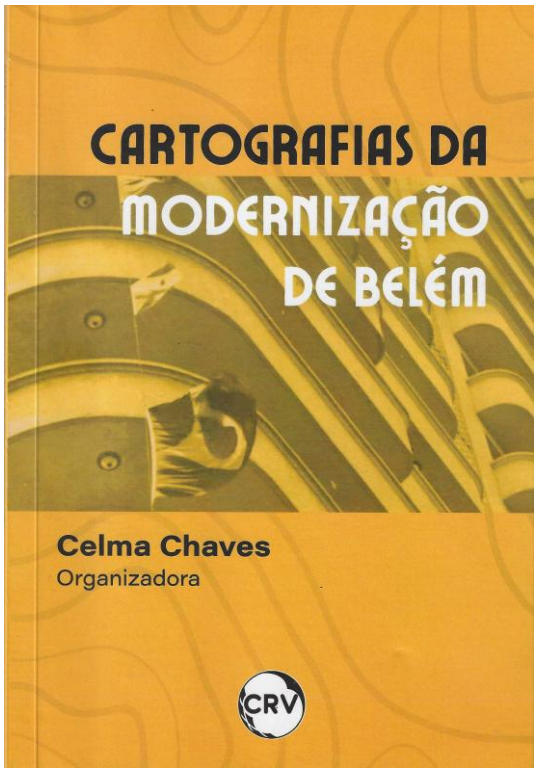
RESENHA

CARTOGRAFIAS DA MODERNIZAÇÃO DE BELÉM

Claudia Helena Campos Nascimento[1]

A leitura do livro “Cartografias da Modernização de Belém” (Figura 1), organizado por Celma Chaves e publicado em 2026 pela Editora CRV, abre caminhos ricos, como propõe qualquer construção teórica e metodológica de sua lavra. A obra apresenta um conjunto significativo de artigos sobre o processo de modernização urbana da cidade de Belém, articulando perspectivas históricas e geográficas que iluminam as transformações socioespaciais locais.

Figura 1 - Capa da Obra



Fonte: Designers da Editora CRV (2026)

[1] Professora da Universidade Federal de Roraima (UFRR) | https://orcid.org/0000-0002-1447-4915 | claudia.nascimento@ufrr.br

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-8

O mote da cartografia é mais do que apropriado. De forma consistente, o campo da construção de mapas se amplia. Impossível não trazer à discussão o movimento dos Situacionistas, que já na década de 1950 propunha a psicogeografia e a deriva como formas de ler e reinventar a cidade, contrapondo-se ao urbanismo funcionalista. Assim, a cartografia proposta na obra não se limita a um exercício descritivo do espaço; ela se afirma como instrumento crítico, capaz de revelar as tensões, os silêncios e as disputas que atravessam a produção do espaço urbano.

A tradição da cartografia é a diplomática, isso é, a produção de documentos comprobatórios a partir de mapas. Contudo, há de se registrar, que muito do que se construiu no campo cartográfico em relação à Amazônia foi produzido a partir de relatos e olhares preconceituosos, valores e modelos imprecisos sobre a região. Isso advém desde o período colonial.

Passados séculos, é importante questionar a partir de quais agentes devem surgir os discursos e a construção do conhecimento sobre a Amazônia e assumir a necessidade de fazer da produção do conhecimento sobre a modernização amazônica um campo geopolítico e epistemológico. Celma Chaves estabelece, com o livro, este marco.

A modernidade amazônica é campo de investigações e tensões que se desdobram em múltiplas escalas, do projeto de integração nacional às práticas cotidianas de quem habita a cidade. Nesse sentido, “Cartografias da Modernização de Belém” revela mais que o espaço construído em determinado recorte temporal consolidado pelo discurso historiográfico - expõe as contradições de um processo que, ao se pretender homogêneo e linear, produziu modernizações desiguais, que necessitam ser reconhecidas e validadas.

O processo dinâmico “multitemporalidades e espacialidades da região amazônica” (p. 11), destacado na apresentação do livro da tese da professora da UFAM Drª. Vládia Hembecker, além de revelar a complexidade dos processos e expressões, em oposição ao discurso homogeneizante de Amazônia, revela a abrangência dos diálogos que ocorrem a partir do laboratório coordenado pela Profª. Drª Celma Chaves: embora o livro trate da capital paraense, o Laboratório de Historiografia e Cultura Arquitetônica da Universidade Federal do Pará (LAHCA/UFPA) agrega diálogos com toda a região amazônica e com conexões na Espanha e América Latina, iniciadas desde o seu doutoramento em Teoria e História da Arquitetura pela *Universidad Politécnica da Cataluña*, em 2005. Portanto não se trata de uma

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-8

construção recente, nem endógena, mas dialógica de conhecimentos e aprofundada no tempo.

Fruto das pesquisas do LAHCA/UFPA, a obra reúne contribuições que transitam entre o proposto e o realizado, a existência e a resistência da arquitetura e do urbanismo modernos em Belém. Com forte rigor metodológico de pesquisa, de referências e busca de documentação, o livro apresenta nove artigos e prefácio de Luis Müller, pesquisador e professor titular honorário da *Universidad Nacional del Litoral*, Santa Fé, Argentina. Müller destaca que a obra oferece uma produção ampliada e complexa de compreensões de um longo processo de pesquisas, que em 2026 comemora dezesseis anos de atividade ininterrupta, entre pesquisas de base, desenvolvimento de dissertações, teses e grandes projetos aprovados pelo CNPq. Sem buscar formas reducionistas, ainda destaca que o livro "é apenas uma amostra dos resultados obtidos por meio de diferentes formatos de pesquisa liderados pela professora e pesquisadora Celma Chaves" (p. 15): história urbana, história da arquitetura, cartografias, biografias, estudos de representações e olhar crítico sobre as fontes de imprensa são alguns dos aspectos desta obra.

O livro se estabelece como um marco importante e fundamental no contexto da produção historiográfica da modernidade amazônica. Num momento em que Belém se tornou o centro de atenção de várias temáticas e, especialmente, o lugar de eventos culturais relevantes, como a COP30, não se pode ignorar a potencial e oportunista posição de outros agentes em torno de recolonizações de temas tão insistente e profundamente trabalhados no LAHCA/UFPA e, em especial, por Celma Chaves. Desta forma, retorno aos Situacionistas e ao papel de crítica social e cultural associado ao posicionamento político de seus agentes, entendendo-se sua origem etimológica: a cidade, como lócus do estar e do conhecer.

A estrutura do livro organiza-se em três partes: "Espaços das modernidades no Ecletismo"; "Silêncios que ecoam: a modernização além do visível"; e "Modernização como projeto e os projetos da modernidade". Luis Müller aponta que é muito mais que "Da *Belle Époque* ao *American Way of Life*", visão reducionista do período, mas o aprofundamento de discussões e desvelamento de camadas sígnicas que dão densidade a uma modernização alheia ao lugar. Situar o lugar e estabelecer, a partir destes e demais estudos, um Atlas da Modernidade em Belém é o objetivo maior que vem sendo construído e do qual esta produção faz parte inexorável. Portanto, assim como a deriva é parte do processo da Internacional

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-8

Situacionista e do discurso de Guy Debord, as pesquisas apresentadas nos capítulos constituem uma deriva crítica pelo tecido urbano, revelando as fissuras e os silêncios que a narrativa oficial tende a ocultar.

"Rua como espaço da modernidade eclética: entre o proposto e o realizado - Belém 1883 a 1911", texto de Celma Chaves e Vanessa de Souza inicia a primeira parte do livro, examinando documentos e planos para a cidade de Belém. Não se trata de um estudo de "evolução urbana" - expressão tão cara aos modernos -, mas do processo interpretativo de documentos históricos que iniciam a introdução da neófita ciência do urbanismo no Pará do final do século XIX, e a partir do Plano de Melhoramentos Urbanos, de Nina Ribeiro, no período do intendente Antônio Lemos, dentro do contexto econômico do comércio da borracha.

Contudo, é necessário entender que Belém já era pujante antes do chamado Ciclo da Borracha e o seu entreposto comercial principal, o Ver-o-Peso, era uma preexistência desse processo. Em "A modernização e os mercados públicos: cartografias da paisagem", Franciannny Moraes e Celma indicam o papel fundamental dos mercados como pontos nodais e de convergência urbana em Belém e como expressões arquitetônicas desse processo, quer com o icônico mercado de ferro, quer através dos processos de concessão e construção de novos equipamentos, que vão pontuar a cidade.

O crescimento da cidade pode ser compreendido a partir do título "Metamorfoses em Cartografia: modernização da infraestrutura e dos meios de transporte em Belém 1912-1960", de Celma Chaves e George Bruno Lima, indicando a importância de condições que se apresentam associadas - como o transporte público e o abastecimento de luz e eletricidade - nas cidades durante este período. Esses sistemas, normalmente associados a empresas estrangeiras, terão na *Port of Pará* e na *Parah Electric Railways and Lighting Company Ltd*. as principais protagonistas no transporte fluvial, terrestre e na provisão de energia, consolidando uma rede de serviços que reconfigurou a mobilidade e o cotidiano urbano. Uma modernidade "dialética, manifestada não só nos equipamentos e mobiliários urbanos, mas nos serviços e hábitos dos habitantes da cidade" (p. 47).

A segunda parte do livro amplia o alcance dessa modernidade impulsionada pelos serviços urbanos. A autora Izabella Melo nos apresenta "Nas fronteiras da modernização: o Guamá e a Pedreira sob o olhar da Cartografia". Esta Belém que vai sendo abastecida por serviços urbanos tem, em suas franjas, territórios que ficam apartados desse processo

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-8

modernizador, mas que se configuram como espaços reais de uma Belém que resiste/existe antes do atendimento pelas infraestruturas de esgoto, drenagem, abastecimento de água ou de arborização. Aqui o mapa surge como objeto-símbolo tangível, virtual, mental, mas fundamentalmente suporte "que sempre evoca a imagem de um território" (p. 66), quer como instrumento de registro, quer como forma de reconhecimento da "experimentação ancorada no real" (p. 73), nas palavras de Deleuze e Guattari.

"A modernização urbana como ação de política externa: Belém e Estados Unidos (1930-1960)", de Celma Chaves e Ronaldo Moraes, evidencia o papel intervencionista da chamada Política de Boa Vizinhança que é introduzida no período varguista, mas que deixou marcos de domínio cultural e civilizatório promovendo "um desejo de modernidade em obras arquitetônicas em Belém" (p. 91), como os "arranha-céus modernos" que vão passar a pontuar o centro da capital paraense. A necessidade de reação à crise provocada pela Grande Depressão de 1929 vai encontrar espaço na Amazônia para fortalecer políticas internas advindas do decréscimo econômico do comércio gomífero.

"Estudar a Amazônia é uma tarefa complexa, pois esta região não é homogênea em praticamente nenhum aspecto. Deste modo, não se pode cometer o erro de considerar que um determinado recorte geográfico, político, social ou econômico de uma determinada área dessa região possa ser atribuída a ela como um todo" (p 108). O alerta dos autores Celma Chaves e Igor Araújo no artigo "A modernização sob a perspectiva dos jornais impressos: Belém 1940-1980" coloca o contraponto crítico necessário para a compreensão epistemológica dos estudos amazônicos: compreender que os processos comunicacionais de massa vão, a partir de então, ser instrumento para a produção de uma imagem da região. Ao mesmo tempo em que a modernização se torna um desejo, ela se torna um signo a se buscar para a representação desta própria modernidade, onde os jornais impressos (e, porque não dizer, também o cinema) passam a ter papel de fundamental relevância.

Iniciamos a terceira parte do livro com um texto que exemplifica isso: "Transformar uma avenida, construir um edifício, materializar a modernidade: Belém 1940 a 1960", de Bernadeth Beltrão, Celma Chaves e Jacqueline Romaro. Se Getúlio Vargas, através do Discurso do Rio Amazonas, introduz o desejo civilizatório da região, o ideário ideológico de uma identidade cultural nacionalista vai ter, na arquitetura, a sua expressão. Grandes redes de serviços públicos, como os Correios, foram difundidos pelo Brasil e, em Belém, vai marcar o

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-8

início da verticalização da avenida que, posteriormente, recebeu o nome de Presidente Vargas, assim como iniciativas privadas, que, na década de 1960, vai fazer surgir o arranha-céu da região norte, o Edifício Manoel Pinto da Silva. A modernização se torna uma expressão complexa e repleta de simbolismo e culturalmente enraizada em Belém.

Dos grandes edifícios ao desejo das elites em bem morar surgem "Nomes e formas: projetos, propagandas e a narração da arquitetura moderna residencial como objeto social (1940-1980)", de autoria de Rebeca Dias e Lohanna Souza, onde o bem-morar passa a se consolidar como modo de vida moderno, que surge a partir dos edifícios residenciais e se tornam parte do *ethos* local. O ideário se manifesta em matérias de jornais locais e a autoria dos projetos passa a ser um elemento diferencial - a que o artigo destaca com a produção do engenheiro-arquiteto Camillo Porto de Oliveira e sua profusa obra residencial. A pesquisa, que poderia se ater à análise documental e formal da arquitetura, aprofunda-se na configuração de uma nebulosa de atores sociais, que dá substância à rede de influências e fortalecimento da expressão simbólica da arquitetura moderna do período.

"Nada provém do nada", como nos alerta Edson da Cunha Mahfuz em artigo de 1984, portanto devemos compreender que o campo semeado por Camillo Porto e sua arquitetura é tributário de uma rede sociotécnica que as professoras Ana Cristina Lopes Braga e Celma Chaves desenvolve no artigo "Judah Levy e o 'Círculo Privilegiado': o social como impulso do privado". Garry Stevens molda o termo "círculo privilegiado" como análise sociológica dos processos da produção do espaço construído a partir de valores e mecanismos que estruturam uma determinada cultura arquitetônica. Desta forma, a produção do engenheiro e empreendedor Judah Levy, pioneiro na construção de edifícios em altura em Belém, é analisada a partir de sua rede de relacionamentos, que estrutura esse círculo e circunscrição, que as autoras apresentam em uma nebulosa que nos permite analisar as redes que lhe dão suporte, para além de sua produção.

Não é de causar espanto que muitos dos artigos tenham como coautoria Celma Chaves, visto seu papel atento na orientação de cada pesquisa desenvolvida no LAHCA-UFPA. É uma obra fundamental para a compreensão de um longo e profundo caminho de pesquisas sobre a Amazônia moderna em Belém.

Por fim, o livro "Cartografias da Modernização de Belém" é um trabalho coletivo que convida a reconhecer percursos da modernização da capital paraense, em territórios e tempos

https://doi.org/10.20873/uft.am.2594-7494.nov2026-8

ampliados, com olhar crítico e aprofundado sobre fontes e processos. Para além dos mapas, o livro estabelece um norte consistente para os estudos da modernização na Amazônia através das pesquisas que fundamentam cada artigo. Que venham outras cartografias

CHAVES, Celma (org). **CARTOGRAFIAS DA MODERNIZAÇÃO DE BELÉM**. 1ªed. Curitiba: CRV, 2026. 182p. ISBN Digital 978-65-251-9249-9 / Físico 978-65-251-9251-2. DOI 10.24824/978652519251.2



Claudia Helena Campos Nascimento é Doutora em Arquitetura pelo PROARQ-FAU-UFRJ (2026), Mestre em Arquitetura e Urbanismo pelo PPGAU-UFPA (2013), Especialista em Artes Visuais e Semiótica pelo Instituto de Ciências da Arte/ICA-UFPA (2005), Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal do Pará (2001). Professora da Universidade Federal de Roraima (2013/atual), coordenadora do Laboratório de Práticas de Projeto e Pesquisa (LPPP-CCT-UFRR). Atua em projetos de pesquisa e extensão no campo do Patrimônio Cultural, com ênfase na Amazônia moderna.

A autora declara não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a esta resenha.

Recebido em: 21/11/2026 | **Revisado em**: 24/11/2026 | **Aceito em:** 26/11/2026